

RELAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIAS DE VIDA E COTIDIANO PROFISSIONAL DE EDUCADORES E EDUCADORAS SOCIAIS EM SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

RELATIONSHIP BETWEEN LIFE EXPERIENCES AND DAILY PROFESSIONAL LIFE OF SOCIAL EDUCATORS IN COMMUNITY SERVICES AND STRENGTHENING BONDS

RELACIÓN ENTRE EXPERIENCIAS DE VIDA Y LA RUTINA PROFESIONAL DE EDUCADORES SOCIALES EN SERVICIOS COMUNITARIOS Y FORTALECIMIENTO DE VÍNCULOS

Sandro de Castro Pitano¹

Daiane Ramos Borges²

Código DOI

Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre relações entre experiências de vida de educadores sociais e a sua atuação em Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, fundamentando-se nos conceitos de formação permanente e experiência. Por meio de entrevistas narrativas, a análise de dados revelou três categorias principais: o cotidiano da prática, a ruptura e a experiência como aprendizagem. Os resultados evidenciam uma forte conexão entre as vivências pessoais e a prática profissional, especialmente, porque as experiências de ruptura ao longo das trajetórias dos educadores desencadeiam significados compartilhados no processo pedagógico. Além disso, a pesquisa destaca a potencialidade da narrativa da experiência como um recurso pedagógico valioso para o estabelecimento de vínculo, afetividade e confiança.

Palavras-chave: Educadores sociais. Educação social. Entrevista narrativa. Experiência. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Abstract

The article presents the results of an investigation into the relationships between the life experiences of social educators and their work in Coexistence and Bond Strengthening Services, based on the concepts of ongoing training and experience. Through narrative interviews, data analysis revealed three main categories: daily practice, rupture, and experience as learning. The results show a strong connection between personal experiences and professional practice, especially because the experiences of rupture throughout the educators' trajectories trigger shared meanings in the pedagogical process. In addition, the research highlights the potential of the narrative of experience as a valuable pedagogical resource for establishing bonds, affection, and trust.

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil. Email: scpitano@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9794-1303>

² Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. Email: drborges1@ucs.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7646-0024>

Keywords: *Social educators. Social education. Narrative interview. Experience. Coexistence and Bond Strengthening Services.*

Resumen

El artículo presenta los resultados de una investigación sobre las relaciones entre las experiencias vitales de educadores sociales y su trabajo en Servicios de Convivencia y Fortalecimiento Vincular, a partir de los conceptos de formación continua y experiencia. Mediante entrevistas narrativas, el análisis de datos reveló tres categorías principales: práctica cotidiana, ruptura y experiencia como aprendizaje. Los resultados muestran una fuerte conexión entre las experiencias personales y la práctica profesional, especialmente porque las experiencias de ruptura a lo largo de las trayectorias de los educadores desencadenan significados compartidos en el proceso pedagógico. Además, la investigación destaca el potencial de la narrativa de la experiencia como un valioso recurso pedagógico para establecer vínculos, afecto y confianza.

Palabras clave: *Educadores sociales. Educación Social. Entrevista narrativa. Experiencia. Servicio de Convivencia y Fortalecimiento de Vínculos.*

Introdução

Os serviços da assistência social visam dar suporte aos cidadãos em situação de vulnerabilidade social, buscando reduzir os impactos das desigualdades. É o caso do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), situado no nível de proteção social básica, junto ao qual atuam educadores sociais, sujeitos da pesquisa relatada neste artigo. As suas práticas, corporificadas no cotidiano profissional, têm em vista fortalecer os vínculos do sujeito com o seu meio, a sua família e a sua comunidade (Brasil, 2014). O público atendido pela política de assistência social está sob condições de vulnerabilidades³ diversas, entendidas como sintomas provocados pelo sistema capitalista, produtor de exploração e das quarentenas permanentes impostas a determinados grupos sociais (Santos, 2020).

A revisão de literatura permitiu identificar uma lacuna no âmbito da formação e valorização da profissão de educador social (Dias, 2018). Revelou esforços investigativos com vistas a compreender a atuação e a formação dos educadores e das educadoras sociais a partir de referenciais teóricos variados, com ampla presença de Paulo Freire. As metodologias participativas também apresentam recorrência nos estudos, demonstrando o caráter dialógico das pesquisas no campo da educação popular e social.

³A perspectiva adotada por Abramovay *et al.* (2002, p. 29) compreende “a vulnerabilidade como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade”.

As lacunas percebidas emergem da análise de um pequeno universo de trabalhos dedicados a estudar a experiência de vida dos educadores sociais e a sua relação com o cotidiano profissional e a formação, justificando a pesquisa. A revisão sistemática de literatura também mostrou a fragilidade da qualificação profissional dos educadores sociais, a qual pode comprometer aspectos fundamentais para o processo educativo, tais como competência profissional e autoridade docente, as quais não se desvinculam da generosidade e da ética (Freire, 1996), imbricadas no fazer cotidiano da educação social.

A ênfase deste estudo consiste em investigar as experiências de vida e as suas possíveis relações/reverberações/sentidos manifestados no cotidiano profissional, incluindo a percepção dos educadores e educadoras sociais sobre as suas práticas e o seu processo formativo. Buscamos obter narrativas que pudessem contribuir para entender de que maneira o cotidiano, a convivência e as experiências da trajetória de vida dos entrevistados tornam-nos educador e educadoras sociais. Concomitantemente, pretendemos evidenciar a motivação para o trabalho desenvolvido nos SCFV's, considerando as seguintes indagações: de onde vem o pulsar pelo trabalho de educador/educadora social? Como se tornaram educadoras e educador social essas mulheres e esse homem, sujeitos da investigação? Com base nos questionamentos, elencamos, como objetivo principal, investigar a relação entre as experiências de vida dos educadores e educadoras sociais com a sua atuação em Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no município de Caxias do Sul/RS⁴.

Os educadores e educadoras sociais são profissionais que, em contato com outros sujeitos, relacionam-se na busca por construir um espaço de convivência sadia, saudável e comunitária. A presente pesquisa procurou, então, investigar se as *experiências* de vida desses sujeitos atravessam o seu fazer cotidiano nos SCFV's, considerando, como premissa, a impossibilidade de desvincular vida pessoal e atuação profissional (Souza; Contreras, 2017).

O texto está estruturado em quatro partes, incluindo esta, de caráter introdutório e contextualizador do processo investigativo, os seus questionamentos e objetivos. Na sequência da

⁴A Fundação de Assistência Social instituiu-se, em Caxias do Sul, no dia 04 de janeiro de 1996, assumindo a administração da política de assistência social do município. As competências da Fundação são a coordenação geral do Sistema Municipal de Assistência Social, a elaboração e gestão da Política de Assistência Social articulada com os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social e a organização e coordenação da Rede Municipal de Inclusão e Proteção Social. Atua por meio da execução de programas, serviços e projetos de assistência social como gestora e por intermédio de parcerias e fomento com entidades não-governamentais.

introdução, são apresentados os principais fundamentos conceituais que embasaram as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos adotados. A terceira parte, a mais extensa, adentra em profundidade no mundo das experiências narradas pelas educadoras sociais, sujeitos da pesquisa. São expostas as suas narrativas e analisadas, destacando aspectos fundamentais para os propósitos investigativos por meio da categorização. Finalizando o texto, as considerações finais reúnem, na forma de uma síntese construtiva, os achados obtidos ao longo de todo o processo, com ênfase na relação entre experiências de vida, atuação e formação profissional das educadoras sociais.

Fundamentos conceituais e metodológicos da pesquisa

Os principais fundamentos conceituais adotados ao longo da pesquisa foram: experiência, intersubjetividade e formação permanente. Como um sujeito da experiência entende-se aquele que suporta ficar entre a passividade e a atividade, ou, talvez, um sujeito cuja dualidade encontra-se superada:

Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (Larrosa, 2011b, p 21).

A experiência, portanto, é o que nos passa, atravessa, transforma, não deixando com que o sujeito permaneça idêntico ao que era antes da experiência. Acontece a partir da sua abertura para vivenciar a própria mudança, pois, na medida em que vivencia a experiência de algo, vivencia, automaticamente, a experiência da própria transformação (Larrosa, 2011a). A experiência é subjetiva, intransferível e polissêmica, tendo, como ferramenta de expressão, a linguagem, que permite nomear explicações e interpretações provisórias a seu respeito, possibilitando conhecermo-nos enquanto vivemos. A possibilidade de afastarmos-nos da experiência vivida para refletir é posterior à apreensão da experiência enquanto representação e memória. Logo, a reflexão está para a experiência como algo racional e cognitivo, enquanto a experiência revela-se no presente aquilo que é: irrepresentável, única, singular, imprevisível, indizível.

A narrativa da experiência pode ser um exercício de aprendizagem acerca do processo formativo dos educadores e educadoras, na perspectiva de formação permanente em Freire (1996). A partilha e o

diálogo sobre a experiência apresentam-se como elementos fundamentais para o conhecimento das educadoras a partir de si mesmos, enquanto sujeitos que estão a constituir-se como sujeitos-educadores sociais. A complexidade manifestada na construção da subjetividade expressa-se em variadas esferas: no contato com o ambiente, por meio da linguagem, no diálogo, na construção do conhecimento como consciência de si e do mundo (Mädche, 1998). A relação dialógica possui um caráter de alteridade, na medida em que compreende a diferença como elemento fundamental da intersubjetividade. É na relação com o outro que o eu compreende-se, conhece e identifica-se; sem o outro não haveria possibilidade de diferenciação, portanto, não haveria um eu.

É também no campo da intersubjetividade que se manifestam as repercussões das experiências vividas pelos sujeitos e as marcas da convivência. A maneira como o sujeito percebe e compreende a realidade tem a ver com as experiências que vivenciou ao longo de sua trajetória, às vezes profundas, traumáticas, às vezes cotidianas e diluídas na convivência. A intersubjetividade consiste no movimento que se dá entre os sujeitos acerca da compreensão que elaboram sobre como vivenciam o mundo e/ou como podem vivenciá-lo. Logo, “explorar mediações de sentido, relações dialógicas e ações de afetação humana é assunto de uma história engajada com a capacidade ontológica dos sujeitos em ser sempre mais” (Rodríguez, 2019, p. 147).

As educadoras e os educadores sociais constituem-se e transformam-se, constantemente, em seus fazeres diários, pelas relações vivenciadas e seus sentidos, sob os quais as subjetividades encontram-se. São profissionais rodeados de outros sujeitos e, na medida em que se relacionam com esses outros, vão compondo-se a partir de seu inacabamento. Para nomear esse processo de constante construção e reinvenção do fazer educativo mediado pela reflexão sobre a prática, Paulo Freire (1996) utiliza a expressão educação permanente. Trata-se de considerar um processo formativo que se estende por toda a trajetória dos sujeitos, não apenas pelo período de um curso ou formação acadêmica.

A formação permanente compreende a costura de diversas experiências, ligadas ao ambiente profissional e fora dele. Incluem-se a vivência do cotidiano com seus desafios, os ensinamentos inerentes à relação com outras pessoas, a compreensão acerca do próprio fazer e da identidade do educador enquanto sujeito de sua própria história. A formação permanente prioriza as reflexões, as temáticas e as necessidades dos envolvidos, estimulando a elaboração de soluções orgânicas ao contexto profissional.

Contrapõe-se a ideia de que um profissional externo compreenderá de maneira mais abrangente a situação, a partir de uma abordagem especialista (Borges, 2010). A postura do especialista substitui a postura do sujeito da experiência, aquele que experimenta e entrega-se ao seu cotidiano para conhecer a realidade dele. Pelo contrário, a abordagem especialista é anti-experiência (Larrosa, 2018), visto que propõe soluções *a priori*, sem necessariamente compreender o processo vivenciado desde o seu interior.

A escuta da narrativa de vida das educadoras sociais⁵ deu-se por meio da metodologia de entrevistas narrativas, com embasamento em Berteaux (2010), Galvão (2002) e Clandin e Conelly (2015), os quais abordam a metodologia em perspectivas que dialogam entre si. De forma complementar, foram realizadas análises documentais em fontes e documentos oficiais da área da assistência social em nível nacional, estadual e regional, com o propósito de compreender a atuação das educadoras sociais, bem como o seu processo formativo.

A opção metodológica pela entrevista narrativa considerou uma polissemia de subjetividades, inerentemente inclusas no processo de formação, atuação e reflexão acerca da prática das educadoras e educadores sociais (Rendón, 2021). As entrevistas foram realizadas com quatro educadoras e um educador social atuantes em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da cidade de Caxias do Sul⁶, considerando como critérios o interesse pela temática e a disponibilidade para serem entrevistados. As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho dos entrevistados, individualmente, tendo como tempo máximo previsto duas horas de duração, o qual não foi inteiramente utilizado. Foram gravadas e, posteriormente, transcritas em inteiro teor, permitindo emergir categorias organizadoras dos temas recorrentes na fala dos entrevistados. A análise do conteúdo das entrevistas foi fundamentada em estudos de Bardin (2016).

⁵Sempre que se refere ao grupo entrevistado, é utilizada a expressão educadoras sociais, considerando que ele é composto por quatro mulheres (maioria) e um homem.

⁶No município de Caxias do Sul, localizado na região da Serra Gaúcha, estão em funcionamento trinta e três (33) SCFV's, os quais se dividem em instituições estatais ou instituições que possuem parcerias com a FAS. O atendimento dos serviços dirige-se a três públicos-alvo: crianças e adolescentes (6 a 15 anos), jovens e adultos (18 a 59 anos) e idosos, considerando um contexto que abrange cerca de 523.716 pessoas, população do município conforme estimativa do IBGE (2021). O número de famílias cadastradas no programa Bolsa Família é de 28.057, das quais 3.162 estão vivendo na linha da pobreza e 9.444 na linha de extrema pobreza, conforme dados disponibilizados pela FAS em outubro de 2021.

Sujeitos e suas narrativas: experiências, aprendizagens e rupturas

Escutar a narrativa do outro é um exercício de compreensão a partir de sua incompletude e historicidade. A fala do outro é carregada não apenas daquilo que lhe aconteceu, mas também de suas impressões, suas memórias, a história do seu tempo compreendida a partir dos recursos materiais e simbólicos disponíveis, juntamente com toda a carga emocional que esses sentidos evocam. A pesquisa que se utiliza da narrativa, visando compreender a experiência, situa-se numa ótica fenomenológica e existencial. Significa reconhecer que a relação pesquisador-pesquisado envolve a dimensão da experiência de ambos, transcendendo os papéis destinados a esses sujeitos na pesquisa científica tradicional. A experiência comporta um trabalho de elaboração do vivido, cujo sentido completa-se ao ser comunicado, transmitido (Rossi, 2010, p. 35).

O primeiro entrevistado é Rogério, 32 anos, natural de Nova Prata/RS, local onde vivenciou a sua infância e juventude, até decidir partir para a cidade vizinha, Farroupilha/RS, de modo a vivenciar uma *experiência* diferente: o Seminário. Concluiu o ensino fundamental e médio na instituição e seguiu os seus estudos, graduando-se em Filosofia e Teologia. A sua trajetória no seminário inseriu-o no trabalho social com crianças e adolescentes. A motivação em dar continuidade ao trabalho dava-se na medida em que ele percebia que as suas ações poderiam mudar o cenário daqueles sujeitos. Atraído por mudança, optou por desligar-se do seminário, rompendo com o sacerdócio. Sentia vontade de estabelecer outros vínculos, de formar uma família e tal decisão conduziu-o para uma busca profissional que permitisse liberdade nas relações. O SCFV ofereceu essa oportunidade de seguir com o seu propósito profissional, atuando na área de informática e educação ambiental. Rogério acredita que aprendeu a ser educador social em seu cotidiano, nos fazeres e na relação com os seus colegas de trabalho, além das vivências com as crianças e adolescentes.

Rosita, 20 anos, é natural de Caxias do Sul/RS. Quando criança, frequentou projetos sociais semelhantes aos quais atua como educadora social. A sua rotina de trabalho envolve acordar às 5h da manhã, todos os dias, para chegar ao SCFV e vivenciar com as crianças e adolescentes atividades nas áreas de teatro e dança. A dança possui um lugar privilegiado em sua trajetória de vida, pois foi um ponto de encontro dela consigo mesma. A convivência com a sua família, entre presenças e faltas, a fez perceber lacunas sociais no modo como ela e a sua família viviam, diferenças significativas as quais não foram

esquecidas. Atuando no SCFV, compreendeu a importância de acolher as crianças e adolescentes em suas situações sempre peculiares, mas também socialmente semelhantes. Os elementos mais importantes para ela, na prática como educadora social, são o acolhimento e a escuta, os quais ela não recebeu quando necessário, em sua infância e juventude. Manifesta o desejo de legitimar as emoções, as experiências e a trajetória das crianças e adolescentes, como sujeitos da própria história.

Laiane, 32 anos, é natural de Caxias do Sul, e manifestou não possuir identificação pessoal no trabalho com crianças e adolescentes. Porém, ao longo de sua trajetória, acabou por desenvolver um percurso profissional na área da assistência social com esse público. Graduiu-se em educação física, área na qual exerce atividades atualmente no SCFV. Em seu cotidiano profissional, valoriza a troca de experiências e considera-as verdadeiras possibilidades de aprendizagem significativa. Havendo confiança, escuta e pertencimento, as experiências compartilhadas por ela e os adolescentes encontram um terreno fértil para aprender lições de cuidado, responsabilidade, liberdade, limites e transformação. Considera que a sua trajetória como educadora social está se construindo, ou seja, é contínua, permanente, sobretudo a partir da observação de outros educadores e da própria prática cotidiana, com as crianças e adolescentes. As experiências também são relevantes na sua formação, pois, a partir de um episódio de luto sofreu uma ruptura importante em seu modo de perceber a vida.

As transformações provocadas pela perda movimentaram as reflexões e as ações que se sucederam e contribuíram para o crescimento pessoal e profissional de Laiane. Como possível resultado desse longo e permanente processo de transformação, a empatia surgiu como a possibilidade de olhar para o outro e legitimar as suas dores, as suas dificuldades e oferecer apoio nas adversidades. Uma visão ampla de outras realidades foi construindo-se a partir da abertura que a perda pessoal gerou, ressignificando situações que antes não geravam os sentidos que, a partir de então, foram possíveis de serem criados.

Sabrina, 31 anos, é natural de Vacaria/RS, sempre viveu em comunidades, fato que marca a sua história familiar e pessoal com traços de batalha e resiliência. Iniciou a sua trajetória profissional ainda adolescente, vendo-se de certa maneira condicionada a abandonar ou postergar alguns sonhos, os quais, mais tarde, iria encontrar em sua vida, de outra forma. Trilhou o seu caminho profissional de modo a buscar sustento e, após desencontrar-se em outras áreas, graduou-se em serviço social, o que lhe

possibilitou atuar como educadora social. O seu trabalho no SCFV abrange expressões artísticas como grafite, desenho e música, sendo que o desenho é uma vontade que pode ser revisitada depois de um longo período de afastamento. O cotidiano profissional da educadora envolve diálogo e incentivo com as crianças e adolescentes, principalmente no que se refere aos sonhos, desejos e vontades, que, tantas vezes, afastam-se de carreiras mais promissoras aos olhos dos adultos. Destaca a tentativa de fortalecimento da autoestima e do empoderamento dos sujeitos, na medida em que identifica ter vivenciado uma relação abusiva e tóxica, desejando evitar que o mesmo poder de reação e empoderamento aconteça com outras crianças e adolescentes.

A última entrevistada é Muriel, uma mulher de 23 anos, natural de Caxias do Sul/RS, que acredita, firmemente, não ter vindo ao mundo à toa. Descreve-se como uma sonhadora, engajada em mudar a vida das pessoas, característica que a levou à profissão de educadora social. Atua nas áreas de literatura e artes, buscando linguagens que dialogam com a perspectiva marginal de existência. A escrita é uma expressão que a aproxima das crianças e adolescentes, por seu caráter livre e catártico. A sua formação envolve a área da educação em Pedagogia e magistério. A primeira não foi concluída e a segunda está em processo de conclusão, representando duas vivências significativas para Muriel, no sentido da potência de questionamento que elas produziram, abordando, principalmente, quais vertentes de educação faziam sentido ou não para ela. Acredita que a formação para tornar-se educadora social é a prática e a inteireza com as crianças e adolescentes, mais do que teorias.

A trajetória de vida da educadora evidencia um senso crítico em relação ao sistema capitalista, por diversas *experiências* vivenciadas, incluindo um período especialmente exposto à barbárie, como pessoa em situação de rua. As *experiências* de preconceito e racismo foram significadas por ela de modo a estabelecer proximidade com a situação das crianças e adolescentes atendidos pelo SCFV, compondo um mesmo conjunto social do qual acredita fazer parte.

O grupo diverso aqui descrito demonstrou-se, em vários momentos, um coletivo de parceria, respeito e engajamento. As singularidades de cada relato, a sua entonação, a relação de escuta estabelecida com cada sujeito, fizeram com que o processo de categorização fosse complexo, lento e cuidadoso. As aproximações temáticas foram construídas a partir da transcrição das entrevistas, seguida

de leitura e releitura atentas para análise compreensiva, resultando nas seguintes categorias de análise:

1) O cotidiano da prática e da formação, 2) Ruptura e 3) Experiência como aprendizagem.

As narrativas foram evidenciando percepções sobre como os entrevistados compreendem a sua prática profissional, envolvendo diferentes pontos de vista acerca do trabalho com educação social. Tal prática envolve o fortalecimento do vínculo entre a sociedade e os sujeitos marginalizados, a promoção da reflexão acerca da vulnerabilidade social e possibilidades de mudança. Conforme Sabrina, “a função [do educador social] é mostrar pra eles o quanto eles são capazes [...], o quanto eles têm direitos e que, muitas vezes, eles são violados nesses direitos. O quanto, muitas vezes, a família deles também é vulnerável né? O quanto eles também sofrem”.

Sabrina demonstra uma percepção sensível ao contexto em que as crianças e adolescentes estão envolvidos, buscando não os segregar da família e da situação que vivem, problematizando-a em suas contradições. Salienta a compreensão do papel político de “dar voz” às famílias, crianças e adolescentes inseridos nelas e dos direitos que, cotidianamente, são violados como um mecanismo de opressão por parte do Estado e, por vezes, da própria sociedade que perpetua o preconceito racial, econômico e social.

Muriel nutre uma perspectiva semelhante no que tange à dimensão política de seu fazer como educadora social:

Eu acredito que é fortalecer esse vínculo entre sociedade e nós, assim, de você poder inserir essas crianças na sociedade que a gente vive. [...] Eu acho que a parte mais importante do Serviço e da construção do educador social é mostrar que a sociedade lá fora também não é um morango, mas ela também não é tão ruim.

Ela destaca o distanciamento entre as comunidades periféricas e a sociedade que não está em situação de vulnerabilidade, ou seja, uma parcela da sociedade que possui a sua sobrevivência mais ou menos “garantida” em suas necessidades básicas, como alimentação, saneamento básico, cidadania e moradia. Tal distância manifesta-se como preconceito racial, social e econômico, que atua na dimensão desumanizadora dos sujeitos e possui, como horizonte, uma sociedade-objeto profundamente ligada ao modo como seus sujeitos são tratados.

As narrativas revelam uma perspectiva que compreende a prática profissional do educador social voltada para o compartilhamento de experiências vivenciadas pelos profissionais e escuta ativa das crianças e adolescentes, além do acolhimento das necessidades emocionais dos cidadãos usuários.

Constatamos que o diálogo é o grande mediador para a construção de relações saudáveis e acolhedoras no SCFV, sendo parte inerente da prática profissional. A potência de dialogar com as crianças e adolescentes encontra-se no vínculo criado a partir desse diálogo, sendo parte fundamental do cotidiano.

Rogério apresenta a sua construção profissional por meio de uma narrativa bastante marcada pela motivação em fazer um trabalho com amor, no qual ele pudesse fazer a diferença na vida das crianças e adolescentes:

Por que essa vontade? Por que isso me motiva? Porque realmente tu vendo todas essas situações e isso te comove né, pra mim comoveu bastante. [...] Mesmo saindo do seminário, eu quis continuar essa mesma, eu digo profissão, mas uma profissão realizada com amor. Então, isso eu também procuro trazer, coisas que vivi e que eu cresci, mas que trago pra eles aprenderem e verem que sim, é possível a gente mudar.

Acompanhar as crianças e adolescentes nas próprias trajetórias motiva o educador a dar seguimento em seu trabalho. Em sua percepção, há possibilidade de mudança na situação de cada um deles, sendo que o processo educativo desencadeado pelo trabalho no SCFV é uma delas.

Os relatos trouxeram uma polissemia de compreensões sobre o que é ser educador social e como a sua prática configura-se. Não houve evidências de que se compreendem como apenas mediadores de vínculo com a sociedade ou somente ouvintes. As narrativas expressaram um fazer complexo, mediado pela relação com cada criança e adolescente em sua subjetividade⁷, além da relação das educadoras com os grupos, o que configura uma relação outra, singular.

O cotidiano no SCFV, dependendo da forma como é concebido, pode ser um espaço escolarizado, marcado por cobrança e rigidez, mas quando construído em equipe, com responsabilidade e sensibilidade, também pode ser um espaço de escuta, de vínculo e de afeto. Afeto e vínculo que não podem ser estabelecidos em um tempo pré-determinado por uma oficina ou atividade planejada, embora estas também sejam oportunidades de convivência. Compreendemos que a possibilidade da experiência está ligada à construção de um ambiente sensível, flexível e exposto às mudanças do cotidiano, pois “não

⁷A subjetividade é compreendida como uma produção do sujeito num processo de organização das configurações subjetivas relacionadas à experiência atual, estabelecendo conexões com experiências do passado, bem como com a subjetividade social (Rocha; Rozek, 2020).

está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão". Por isso, a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição (Larrosa, 2011a).

O cotidiano no SCFV em que a pesquisa foi realizada demonstra-se um contexto favorável à *experiência*, visto que, na mesma medida em que se organiza para cumprir as objetividades do trabalho pedagógico e social, abre-se para o acolhimento, a pausa, o silêncio. O cotidiano, narrado pelos sujeitos de pesquisa como contexto e como processo, demonstrou-se alinhado às narrativas sobre o que é a sua prática profissional, evidenciando haver uma coerência entre o que tais sujeitos consideram ser a função do educador social com a realidade que criam e vivenciam no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

A ruptura remete à compreensão das(os) educadoras(es) acerca de suas *experiências* de vida, além do sentido que eles atribuíram para elas, ao longo de sua trajetória. A narrativa da *experiência* demonstrou-se um momento de escuta peculiar em relação ao todo da entrevista narrativa, pois os participantes pareciam deslocar-se para um outro tipo de fala, mais sensibilizada e com evidente carga afetiva. Quando convidados a narrar uma experiência pontual de suas vidas, que, de alguma forma, transformou-os ou modificou-os, os sujeitos precisaram de um tempo para recordar, pensar e então falar a respeito. Essa categoria, em especial, suscitou reações emotivas que sensibilizaram os entrevistados, demandando uma postura de acolhimento e sensibilidade.

Laiane vivenciou a morte de seu pai no mesmo período em que iniciou a sua atuação na área da educação social, evidenciando a *experiência* vivida como perda de uma pessoa de referência, com a qual ela podia contar: "Eu sempre fui a pessoa protegida, sabe? Nada me abalava porque eu sei que meu pai era um escudo pra mim, então, por mais que eu ficasse mal, ele ia dar um jeito, sabe?" A ausência conduziu-a em um processo de luto que, aos poucos, foi se resignificando como autonomia, percebido como importante em sua trajetória. O sentimento de desamparo sensibilizou-a para as suas próprias necessidades pessoais, as quais eram atendidas ou auxiliadas pelo pai.

Parece haver, em seu processo de elaboração do luto, uma tomada de consciência acerca de sua própria existência, a sua postura diante da vida, que, segundo a educadora, carecia de autonomia e responsabilidade. A relação do pai com a filha parece ter estabelecido um vínculo seguro de afetividade que foi significado por Laiane como um laço que não se rompe com a morte. O crescimento e o

amadurecimento pessoal foram desencadeados, portanto, a partir de uma falta que se fez presença enquanto afetividade e memória.

A experiência da ruptura encontra ressonância na trajetória de Rogério, que aponta para o rompimento com o seu percurso no seminário movido pelo desejo de criar uma família e ter filhos. O educador fala-nos sobre o processo que vivenciou até desligar-se do seminário, o qual envolveu muita reflexão e tempo, na medida em que o desligamento não se deu rapidamente. A decisão modificou o seu modo de vida e a percepção sobre si mesmo, inicialmente, pela mudança radical depois de 13 anos no ambiente do seminário e pelos questionamentos que a decisão mobilizou nele e nas pessoas ao seu redor.

O processo de relacionar-se afetivamente, segundo Rogério, trouxe realização em sua vida pessoal, evidenciando que o trabalho com a assistência social não era necessariamente uma motivação pessoal, somente enquanto estava no seminário, pois o educador optou por dar seguimento na mesma área após o rompimento. O processo de ruptura não apenas abriu espaço para que ele pudesse relacionar-se e criar a sua própria família, mas demonstrou o que, de fato, motivava-o: a atuação com crianças e adolescentes, na área da assistência social. A partir da ruptura, Rogério significou a trajetória como um importante momento em sua vida que o conduziu a entender aquilo que desejava, podendo hoje realizar o seu trabalho no SCFV.

Rosita elege, como uma experiência marcante em sua trajetória de vida, a primeira vez que participou de um espetáculo de dança, mais precisamente, no momento em que subiu ao palco. Ela narra a importância de tal momento:

Foi esse momento de palco, de sentir esse nervosismo. [...] De entrar e dizer assim: Esse aqui é o meu momento de ir lá e fazer o que eu gosto. [...] Dançar pra mim e subir num palco é essa sensação gostosa, sabe? [...] É aquele momento de, ao redor pode tá uma loucura, mas esse aqui é o momento de calma. [...] É quando eu sei que eu tô fazendo aquilo que pra mim é algo leve, não é algo mecânico, robótico, sabe? Subir no palco e fazer aquilo que eu sinto que nasci, de certa forma, pra fazer.

A educadora atribui um sentido de pertencimento à prática da dança, na medida em que uma parte de sua vida é marcada por essa linguagem artística, inclusive, ligando-a ao SCFV como usuária. O sentido atribuído por Rosita à apresentação de dança envolve o seu próprio processo de desenvolvimento pessoal, para o qual ela direciona o olhar e consegue refletir. Rosita relaciona ainda dois momentos de

sua vida quando convidada a falar de experiência: o momento atual e a infância. Na infância, questionava-se quando teria a oportunidade de ser forte, de “dar conta” das situações que enfrentava - vulnerabilidade social e ausência paterna -, embora não se considerasse capaz para tal situação. A partir da frustração e da falta, surgiram outras possibilidades que vieram justamente com a dança e arte, por meio do SCFV, lugar em que se sentia ouvida e que proporcionou outros caminhos para sua vida.

Sabrina narra, como uma experiência marcante em sua trajetória de vida, a separação que vivenciou em um relacionamento afetivo abusivo, durante a adolescência, foi relevante. Ela atribui o sentido de superação a partir do rompimento com esse relacionamento que a fazia sentir mal e a paralisava, pois se sentia cerceada, fazendo coisas com as quais não concordava, além de se sentir solitária com a falta de amigos. Após a experiência, o que ficou foi a necessidade de não “estacionar” a sua vida por outras pessoas, deixando de atender às expectativas externas sobre ela mesma.

Relata ainda uma outra experiência que diz respeito à sua atuação profissional, mais especificamente ao momento de sua formatura. A sua mãe ficou muito desapontada quando ela reprovou na escola, no segundo ano do ensino médio, dizendo-lhe que somente por meio do estudo ela seria “alguém”. Logo, quando conseguiu graduar-se em Serviço Social, demonstrou-se importante para ela dar uma devolutiva à sua mãe, reforçando o que já havia dito: que ela conseguiria. A partir da narrativa de sua mãe, Sabrina está diante de um “não ser” que somente seria validado com o cumprimento de uma expectativa alheia. Apesar de cumprir com tal expectativa, a educadora demonstra ter encontrado uma forma de tornar-se sujeito da própria história, abdicando da necessidade de aprovação.

Muriel, quando questionada sobre uma experiência marcante de sua vida, relata que não consegue definir um momento em especial, mas momentos em que ela foi admirada pelas crianças. As suas vivências relacionadas ao período em que morou na rua produziram uma visão de mundo em que há desvalorização de sua imagem e de quem ela é. No entanto, no SCFV e nos ambientes em que atua, há uma outra percepção direcionada a ela, que envolve admiração, vínculo, afeto. Tais percepções são uma experiência que aconteceu por tempo indeterminado, mas que marcaram e seguem marcando Muriel no sentido de uma outra percepção sobre si mesma. Portanto, a relação e o vínculo com as crianças foram manifestados como uma experiência, por Muriel.

A sua narrativa demonstra um esforço em romper discursos de opressão e desvalorização da população marginalizada com quem atua, numa tentativa de reforçar suas potencialidades. Encontra-se, na fala de Muriel, portanto, a ruptura, não no sentido atribuído pela educadora em sua elegida experiência, mas como um contexto de atuação, um elemento sob o qual a educadora ancora-se para constituir-se como educadora social que acredita nas pessoas como pessoas e não coisas.

As experiências narradas foram se revelando como momentos em que há suspensão na cotidianidade, uma imposição de pausa e de posterior reflexão ou criação de sentido. Podemos afirmar que a *experiência* ou o sentido criado desde seu acontecimento nos ensinam? A narrativa dos entrevistados converge para uma resposta afirmativa. Aprender com a *experiência* diz respeito a dar espaço ao vivido, enquanto memória viva e autônoma. Não é possível vivenciar ou compreender integralmente o que foi vivenciado pelo outro, mas há a possibilidade de sensibilização a partir da escuta, num processo intersubjetivo entre aquilo que foi vivenciado e como pode ser apreendido enquanto sentido ou significação na vida do outro.

Nas narrativas, podemos destacar que as educadoras compreendem o sentido da experiência como um provocador de aprendizagem para elas mesmas, trazendo diversas consequências em suas vidas, como repertório emocional, tomada de decisões, transição de carreira, empatia e autonomia. A narrativa das aprendizagens e da experiência vivida é também uma oportunidade de criação de vínculo com as crianças e adolescentes, no sentido de que quando há espaço para o educador falar de si, há um espaço para ele “morar” um pouco em cada criança e adolescente, saindo de si mesmo e podendo afetar o outro, num processo de consciência recíproca (Mädche, 1998). Há, igualmente, a chance de ouvir-se, de reconectar sentidos esquecidos ou retomar antigos desejos na possibilidade de concretizá-los.

Considerações finais

O processo de categorização demonstrou-se complexo, pois as narrativas da experiência envolveram, também, narrativas sobre a atuação profissional, encharcadas de vida pessoal. A influência dos aspectos pessoais e profissionais esteve evidente desde a escuta, no momento das entrevistas. Aos poucos, a análise foi possibilitando costurar esse emaranhado de narrativas em uma estética possível de ser compreendida pelos leitores.

Em geral, os entrevistados consideram a função de educador social como distinta em relação ao

educador da escola, voltando-se muito mais para a dimensão relacional do processo educativo, o qual, segundo as narrativas, demonstrou-se potencialmente intersubjetivo (Mädche, 1998). As linguagens artísticas foram as principais ferramentas elencadas para mediar tal processo, juntamente com o diálogo. Foi observado que a escolha da atuação profissional possui relação com história de vida dos sujeitos, que, em seu processo de desenvolvimento pessoal, demonstraram o interesse por atuar com educação, alinhando-se à dimensão social dessa área, além da inerente ligação com a assistência social que a profissão possui.

A atuação do educador social, a partir das narrativas, está relacionada à convivência e reflexão acerca do que é vivido pelos usuários do SCFV, por meio da relação estabelecida entre os membros presentes no próprio serviço. A análise das narrativas mostrou que as experiências pessoais influenciam na atuação profissional, facilitando a convivência e a relação de educadoras com os cidadãos usuários do SCFV. Foram observados elementos emocionais significativos para a atuação, advindos do sentido atribuído pela experiência vivida, os quais interferem na relação estabelecida com as crianças e adolescentes, tais como empatia, sensibilidade, incentivo e diálogo.

Os educadores e as educadoras dialogam com a proposta socioeducativa do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que busca, sobretudo, estabelecer um espaço de convivência saudável entre os cidadãos usuários, com a família e com a sociedade. O caráter dialógico da prática permite às educadoras sociais estabelecerem vínculos e proporem reflexões para os grupos, de modo a incentivar os sujeitos a serem mais, enfrentando a condição de vulnerabilidade vivenciada. A empatia permeou a narrativa das educadoras e do educador social como um todo, apresentando-se como princípio essencial para a sensibilização em relação ao outro, um convite à relação intersubjetiva. O incentivo manifestado pelos sujeitos de pesquisa surge como uma abertura aos sonhos e desejos das crianças e adolescentes em relação às possibilidades de mudança e transformação, reforçando o caráter humanizador das práticas vivenciadas no SCFV.

Aprender na experiência difere do aprender na prática. Enquanto a experiência está associada à vivência do sentido criado pela subjetividade de cada indivíduo, a prática diz respeito a uma função já pré-determinada. O aprender pela experiência demonstrou-se relevante, pois estabelece um elo entre a história de vida - e seus sentidos - dos sujeitos de pesquisa e dos cidadãos usuários, reforçando a

intersubjetividade a partir da sensibilidade e da abertura ao outro. Concluímos, de modo inaugural e incompleto, que a formação e a prática profissional de educadoras(es) sociais está relacionada a ferramentas pedagógicas que dialogam com suas as preferências, experiências e histórias de vida.

Salientamos a presença de um elemento unificador em todas as experiências narradas, que resultou na segunda categoria de análise: a ruptura. Em todas as experiências, identificamos um antes e um depois, uma mudança de perspectiva geradora de sentido de transformação, significando um processo de pausa e consequente transformação pessoal na vida dos sujeitos. O sentido vivenciado a partir da *ruptura* é justamente a possibilidade de *ser mais*, ser outro e, de alguma forma, sobreviver subjetivamente aos acontecimentos da vida em sua dimensão mais incompleta e inconstante. Romper está associado, portanto, a vivenciar uma transformação pessoal que pode se estender ao outro por meio da partilha, da narrativa e da intersubjetividade.

A ruptura foi significada pelos sujeitos como um marco de vida, ou seja, um momento que possui relevância maior do que o cotidiano. A dimensão do sentido da *experiência* expande-se quando é compartilhada em um processo intersubjetivo, pois se cria um ambiente de atenção, confiança e empatia. A narrativa das educadoras sociais reforçou a dimensão emocional das aprendizagens construídas a partir da experiência, facilitadoras do processo intersubjetivo vivenciado em sua atuação. O que restou da experiência não apenas ensinou-as algo de si mesmas e do mundo, mas, de certo modo, influenciou a forma como atuam com as crianças e adolescentes no SCFV. A aprendizagem pela *experiência*, portanto, envolve o princípio de alteridade (Larrosa, 2011a), que permite ao outro permanecer outro, não se curvando ao eu por necessidade de aprovação ou pertencimento.

A atuação de educadoras(es) sociais está, como podemos compreender, ligada à formação permanente desses sujeitos, de modo que ambas se relacionam constantemente. Atuar e tornar-se educador e educadora social é processo cotidiano, abarcando movimentos de reflexão e ação com os usuários. A experiência de vida é constitutiva dos sujeitos da pesquisa, portanto, de sua profissionalização. A relação entre as experiências de vida com a atuação e formação profissional de educadoras(es) sociais está associada à não fragmentação dos sujeitos em relação ao trabalho e vida pessoal, compreendendo-os como seres complexos, integrais e incompletos, passíveis e expostos a experiências singulares, formadoras da subjetividade. Os sentidos atribuídos para as suas experiências, estabelecem elos

relacionais que facilitam a convivência e o cotidiano profissional, pois derivam de uma abertura essencial à vida, como processo imprevisível e ao outro, como alteridade.

Referências

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BERTAUX, D. **Narrativa de vida**: a pesquisa e seus métodos. São Paulo: Paulus, 2010.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 2.676/2019**. Dispõe sobre a criação da profissão de educador e educadora social e dá outras providências. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1752495. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: MDS; SNAS, 2014.

BORGES, L. S. Alfabetização. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DIAS, S. P. **Educadoras e educadores sociais de Porto Alegre em busca de reconhecimento**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-245, 2002.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011a.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MÄDCHE, F. C. **Abrindo perspectivas**: a intersubjetividade na pedagogia de Paulo Freire. Porto Alegre: DaCasa, 1998.

RENDÓN, J. C. M. Paulo Freire y la concepción de sujeto: consideraciones etimológicas, ontológicas y dialécticas. **Paulo Freire - Revista de Pedagogia Crítica**, Colombia, v. 25, p. 104-125, jun. 2021.

ROCHA, J. S.; ROZEK, M. A potência e a complexidade de um fazer dialógico: desafios da formação e da atuação de educadoras(es) sociais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 2411-2428, nov. 2020.

RODRÍGUEZ, L. F. **Educação popular, intersubjetividade e espiritualidade**: uma relação de memória sobre as contribuições do conceito de comunicação na obra pedagógica de paulo freire. *Pensamiento Palabra y Obra*, Colombia, v. 21, p. 142-151, jan. 2019.

ROSSI, R. **A experiência e as práticas educativas dos educadores de Fé e Alegria de Cuiabá**. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUZA, E. F.; CONTRERAS, H. S. H. A formação do Educador Social sob a perspectiva da Educação Integral. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 12, n. 30, p. 92-110, Jan./Abr. 2017.

Como citar este artigo:

PITANO, Sandro de Castro; BORGES, Daiane Ramos. Relação entre experiências de vida e cotidiano profissional de educadores e educadoras sociais em serviços de convivência e fortalecimento de vínculos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11336>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, os autores não utilizaram IA e assumem total responsabilidade pelo conteúdo publicado.

Revisores: Elaine dos Santos (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT).

Sobre os autores:

SANDRO DE CASTRO PITANO é doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

DAIANE RAMOS BORGES é mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Recebido em 24 de abril de 2024
Versão corrigida recebida em 10 de junho de 2025
Aprovado em 01 de agosto de 2025